

REFAZENDO A PÉ A TRAVESSIA DO SERTÃO POR RIOBALDO

Willi Bolle

Universidade de São Paulo

Resumo: É uma apresentação do sertão do Brasil em três etapas: 1) Uma introdução à composição, ao enredo e à topografia do romance *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa. 2) O sertão atual é descrito através do relato de uma travessia coletiva a pé, realizada em julho de 2017. 3) São comentados alguns dos principais temas do romance, sobretudo as atividades de bandos de criminosos disputando o poder no planalto central do país. O pacto do protagonista-narrador com o Diabo é relacionado com o projeto do escritor de reinventar o português do Brasil. Trata-se de um trabalho de mediação, procurando superar a situação “diabólica” da falta de diálogo entre os letrados e as pessoas comuns do povo.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, Topografia do Sertão, Análise do romance

Abstract: It is a presentation of the Brazilian backlands in three stages: 1) An introduction to the composition, plot and topography of the novel *The Devil to pay in the Backlands* (1956), by João Guimarães Rosa. 2) The current backlands are described through the report of a collective crossing on foot, in July 2017. 3) Some of the main themes of the novel are discussed, especially the activities of groups of criminals vying for power in the country's central plateau. The protagonist-narrator's pact with the Devil is related to the writer's project to reinvent Brazilian Portuguese. This is a work of mediation, seeking to overcome the “diabolical” situation of the lack of dialogue between literate people and ordinary people.

Keywords: João Guimarães Rosa, *The Devil to Pay in the Backlands*, Topography of the Backlands, Analysis of the novel.

O sertão, antes de ter se tornado, com a inauguração da nova capital Brasília, em 1960, o centro geográfico da política no Brasil, já tinha inspirado dois grandes escritores,

Euclides da Cunha (1866-1909) e João Guimarães Rosa (1908-1967), a construir dois retratos fundamentais do país: *Os Sertões* (1902), que é um relato da campanha de Canudos, ocorrida em 1896/97, e o romance *Grande sertão: veredas* (1956). O leitor deste romance tem que enfrentar um duplo desafio: compreender a composição e a linguagem dessa obra propositadamente difícil, e se localizar na complexa topografia do sertão de Minas Gerais, percorrido, por volta de 1900, pelo protagonista e narrador, o jagunço Riobaldo.

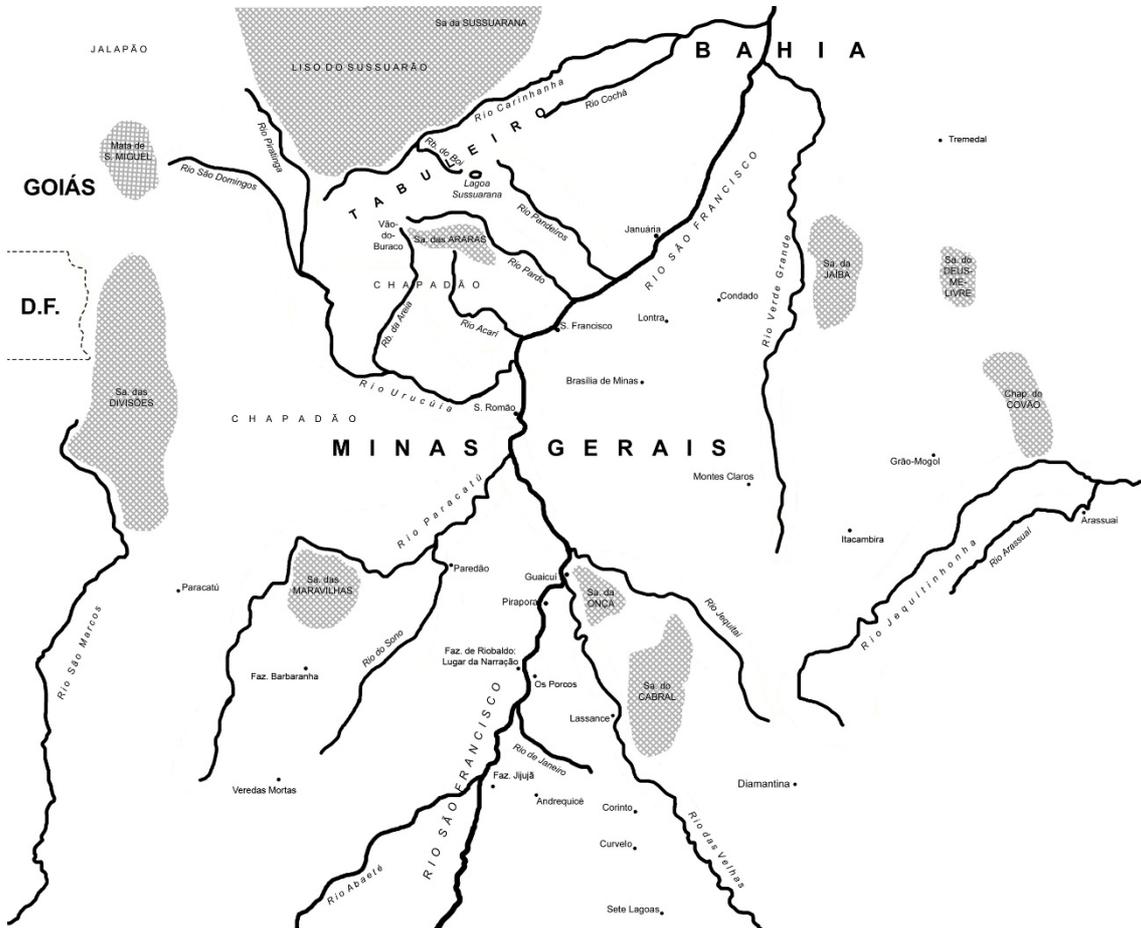
O objetivo deste trabalho consiste em oferecer ao leitor uma ajuda na travessia desse sertão, em três etapas: 1) Por meio de um esquema e de um resumo será proporcionada uma introdução à composição e ao enredo do romance; e por meio de um mapa serão localizados os principais lugares da ação. 2) Da leitura da obra literária passaremos para a realidade atual do sertão de Minas Gerais, com enfoque na região do Rio Urucuia e da Serra das Araras, que são lugares de destaque no enredo. Para transmitir uma ideia mais concreta desse cenário, vou relatar a experiência de uma travessia coletiva a pé, realizada em julho de 2017. 3) Voltando do sertão atual para o romance, serão comentados alguns dos temas principais, dentre eles “o sistema jagunço”, isto é, a existência de bandos de criminosos disputando o poder no planalto central do país. Também será analisado o tema do pacto do protagonista-narrador com o Diabo, que pode ser relacionado com o projeto aparentemente “blasfematório” de Guimarães Rosa de criar uma nova língua, ou seja, de reinventar o português do Brasil. Como será mostrado, trata-se na verdade de um trabalho de mediação do escritor, que procura – por meio de uma renovação radical da linguagem – superar a situação “diabólica” da falta de diálogo entre a classe dos letrados e as pessoas comuns do povo.

Introdução à topografia real e ficcional do romance

Por meio do **mapa 1**,¹ procura-se dar uma introdução geral à topografia real e ficcional de *Grande sertão: veredas*. O enredo do romance se passa no norte de Minas Gerais, além das cidades de Curvelo e Corinto, onde começa o sertão. O principal eixo geográfico da região é o rio São Francisco, com seus afluentes; do lado oriental: rio-de-Janeiro, rio das Velhas, Jequitaiá, rio Verde Grande; e do lado ocidental: os rios Abaeté, Paracatu, Urucuia e Carinhanha. Há também referências a cidades como São Romão, São Francisco, Januária,

¹ Os mapas 1, 2, 3 e 5 são extraídos do meu livro *grandesertão.br: O romance de formação do Brasil* (2004); p. 68-69, 102-103, 108-109 e 114-115.

Montes Claros e Brasília (de Minas), sendo que as zonas urbanas costumavam ser evitadas pelos jagunços.



Mapa 1: Introdução à topografia real e ficcional de *Grande sertão: veredas*

Topônimos reais e fictícios misturam-se nesse romance, como já observou Antonio Candido (1957). No estudo *Itinerário de Riobaldo Tatarana* (1974), Alan Viggiano mostrou que, dos 230 topônimos mencionados pelo narrador, mais de 180, ou seja 78%, podem ser localizados na geografia real. São referências como Currealinho (nome antigo de Corinto), o Arassuaí (rio e povoado), a cidade de Januária, a Serra das Araras, os rios Urucuia e Carinhanha, e o local do Paredão. Outros lugares são inventados, como a fazenda de Riobaldo (o lugar da narração) e as Veredas-Mortas (onde o protagonista fez o pacto com o Diabo). Outros ainda, especialmente o Liso do Sussuarão, são uma montagem de fragmentos da realidade com elementos de criatividade literária.²

² Nos mapas 2, 3 e 5, o traçado do itinerário de Riobaldo se atém às referências geográficas reais na medida do possível; no mais, em se tratando de ficção, é conjectural.

Riobaldo narra a sua história nos anos finais da República Velha, sendo que a ação narrada se passa nos anos iniciais da República, por volta de 1900. Naquela era pré-industrial, a ferrovia ainda estava por chegar na boca do sertão e os principais meios de transporte eram o cavalo e as mulas. O sertão – como lugar de criação extensiva de gado, com latifúndios cujos donos tinham jagunços à sua disposição – era considerado uma região atrasada, subdesenvolvida e perigosa.

Composição e enredo

Antes de analisar mais detalhadamente as referências topográficas, vamos observar como elas aparecem no contexto do romance, que é um fluxo narrativo de cerca de quinhentas páginas, sem nenhuma subdivisão em capítulos. Podemos, contudo, identificar sete unidades de composição. Em quatro delas (itens 1, 3, 5 e 7) predomina a situação narrativa, ou seja, a questão de como organizar o relato, e nas outras três (itens 2, 4 e 6), que são as mais extensas, a história narrada. Vejamos:

1) No **proêmio** (ROSA, 1967, p. 9-26) são definidos a situação narrativa e o lugar da narração. O fazendeiro e sertanejo letrado Riobaldo, que recebe a visita de um doutor da cidade, introduz o seu interlocutor ao ambiente do sertão por meio da narração de vários casos. A fazenda é localizada à margem esquerda do rio São Francisco, na zona de contato entre o sertão e a civilização, representada pelas pequenas cidades de Sete Lagoas, Curvelo, Corinto e Andrequicé.

2) Riobaldo começa a narrar a sua vida de jagunço por um recorte **no meio da história** (p. 26-77). É uma travessia do sertão em todas as direções. Rumo ao norte, do Chapadão do Urucuia em direção ao Liso do Sussuarão.³ Depois, em direção ao oeste, entrando no estado de Goiás. Segue, então, para o leste, até chegar nos garimpos do Arassuaí. E finalmente, a volta para o oeste, até o Urucuia, com uma inclinação em direção ao sul, até a fazenda São Serafim. Note-se o fato, que será confirmado pelos demais mapas referentes ao romance, que os lugares centrais do enredo se situam na região do Urucuia, que até hoje é a mais pobre de Minas Gerais, contrastando com as partes de produção mineral e industrial do estado.

3) Ocorre uma **interrupção do relato** (p. 77-79); Riobaldo reorganiza a sua fala e passa a narrar sua vida em ordem cronológica.

³ A extensão do Liso do Sussuarão, segundo o narrador, é de “cinquenta léguas e quase trinta léguas”, “em fundo e largo” (GSV, p. 382), isto é, de cerca de 300 por 180 km. Um deserto com tamanha extensão não existe nessa região, como verifiquei numa expedição realizada em 1998.

4) **Primeira parte da vida de Riobaldo** (p. 79-234). O episódio mais marcante de sua adolescência foi o encontro com o Menino (Diadorim), com quem atravessou o rio São Francisco, na confluência com o rio-de-Janeiro. Depois dos anos passados na fazenda do seu pai e de sua formação na escola de Corinto, Riobaldo trabalha temporariamente como professor e secretário do caçador de jagunços e candidato a deputado Zé Bebelo. O reencontro com o Menino, que agora já é adulto e se apresenta como o jagunço Reinaldo, motiva Riobaldo a entrar no bando de Joca Ramiro. Juntos, fazem incursões pelo “alto brabo Norte”, do lado leste do rio São Francisco. O assassinato de Joca Ramiro pelos traidores Hermógenes e Ricardão desencadeia uma guerra entre os bandos, que se estenderá até o final do romance.

5) Há uma **segunda interrupção** da história narrada (p. 234-237) e uma reorganização do relato. Riobaldo passa a falar para o interlocutor de seus “erros” e de sua “culpa”. A referência ao rio São Francisco, que “partiu a vida [do protagonista] em duas partes”, era ilustrada também pela configuração gráfica do livro nas edições iniciais: desenhado por Poty, havia nas orelhas um mapa do cenário do enredo, cuja linha divisória, o curso do São Francisco, coincidia com o conjunto das páginas da narração de Riobaldo.

6) Retomando a sua história no ponto até onde chegou naquele recorte inicial, Riobaldo narra **a segunda parte de sua vida** como jagunço (p. 238-454). Da fazenda São Serafim, o bando passa pelo Chapadão do Urucuia em direção ao sul, até o Sucruiú, lugar de extrema miséria. Nas Veredas-Mortas, Riobaldo faz o pacto com o Diabo e assume a chefia do bando, cometendo vários desmandos. Rumo ao norte, eles atravessam o Liso do Sussuarão, na fazenda do Hermógenes tomam a mulher dele como refém, passam por Goiás e, reentrando em Minas, deslocam-se até o Paredão, onde ocorre a batalha final, com a morte do Hermógenes e de Diadorim.

7) O **epílogo** (454-460) mostra Riobaldo instalado na sua fazenda como um poderoso latifundiário. Juntamente com a lembrança de lugares cruciais como as Veredas-Mortas, sempre lhe vêm as recordações de Diadorim e do pacto com o Diabo.

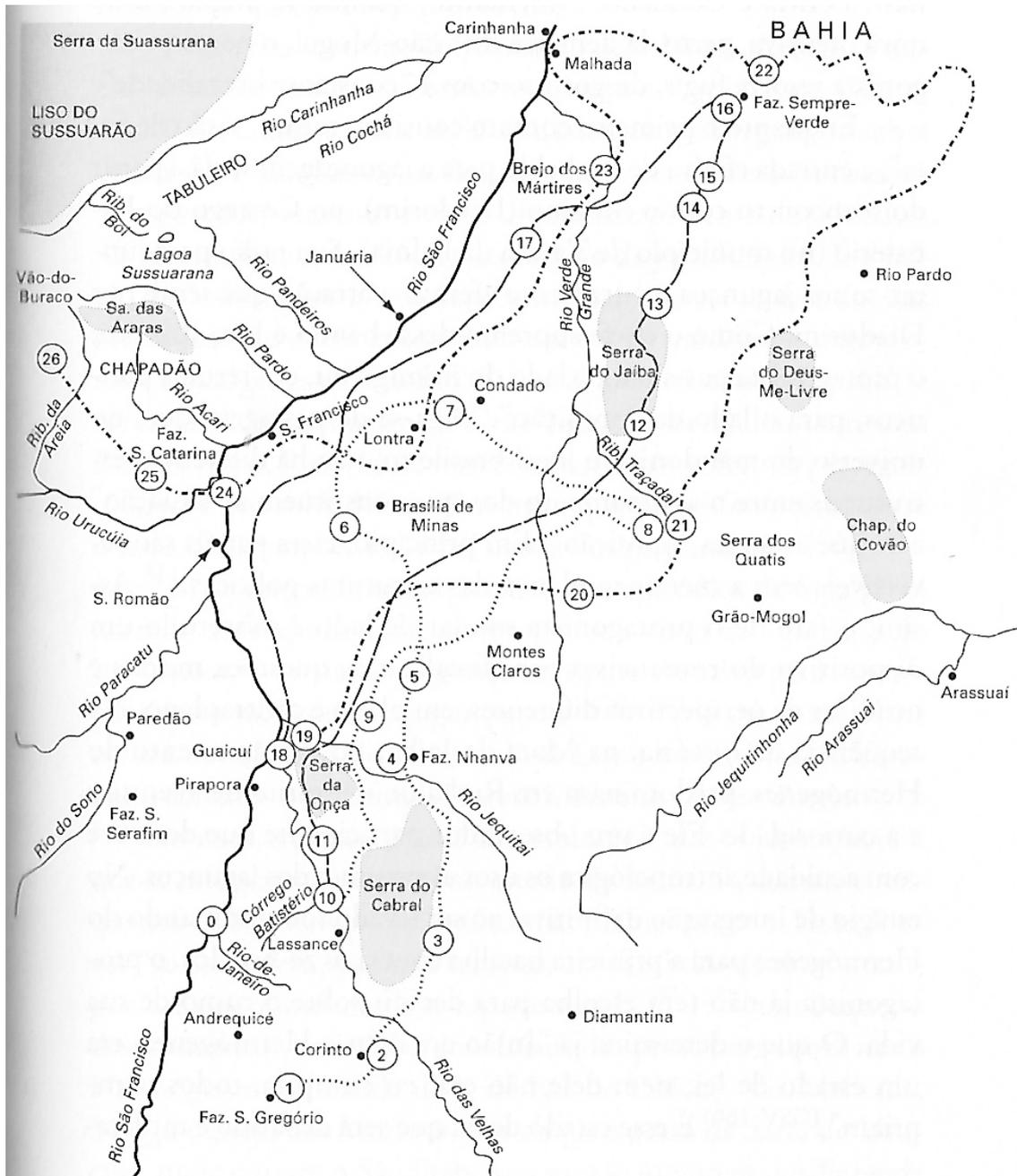
A parte inicial da vida de Riobaldo

Vamos conhecer agora mais detalhadamente a topografia do sertão, acompanhando, por meio do **mapa 2**, a primeira parte da vida de Riobaldo. Esta parte da história passa-se quase inteiramente no lado oriental do rio São Francisco. O episódio inicial, que foi decisivo para

o rumo de vida de Riobaldo, ocorreu no exato meio desse rio, na sua travessia. Trata-se do encontro, na adolescência, com o Menino (Diadorim), no lugar onde o São Francisco recebe as águas do seu afluente, o rio-de-Janeiro (ver, no mapa, o item 0). A travessia deste rio, na companhia do Menino, foi para Riobaldo uma iniciação na constelação de três sentimentos: amor, medo e coragem. – Depois desse acontecimento inicial, são narradas três sequências de episódios.

1) O primeiro contato de Riobaldo com o mundo da jagunçagem se dá por meio das histórias narradas por seu pai, Selorico Mendes, na fazenda São Gregório* (1).⁴ Essas histórias ganham maior impacto com o aparecimento repentino do bando chefiado por Joca Ramiro, que solicita um pernoite na fazenda. Pouco depois, o jovem Riobaldo foge da casa do pai para a cidadezinha de Corinto (2), onde tinha frequentado a escola e se destacou como excelente aluno. Tanto assim que o seu mestre o indicara como professor, para “explicar aos meninos menores as letras”. Dessa carreira, porém, Riobaldo se desvia por causa de um convite que ele recebe por parte de um aspirante a um importante cargo político. Ele viaja até o rio Jequitáí, até a fazenda Nhanva* (4), propriedade de Zé Bebelo, o qual quer candidatar-se a deputado e necessita de um professor e secretário. O lema principal de sua campanha é “liquidar com os jagunços”. Para esse fim, ele juntou um grupo de soldados, que Riobaldo acompanha rumo ao “brabo Norte”. No Município de Brasília (6), a tropa obtém uma vitória sobre o bando do Hermógenes, e Zé Bebelo solicita, então, a Riobaldo de pronunciar a favor dele um discurso eleitoral. Entre Lontra e Condado (7), a tropa alcança mais uma vitória, dessa vez sobre o bando do Ricardão. No entanto, tendo presenciado toda essa brutalidade e matança, Riobaldo acabou ficando com desgosto e, no rumo a Grão-Mogol (8), decide abandonar o grupo de Zé Bebelo. Depois de uma cavalgada de vários dias (9), ele chega ao rio das Velhas.

⁴ Os lugares destacados são indicados neste mapa com os números de 1 a 26. Enquanto no meu livro *grandesertão.br*, as referências topográficas são especificadas na íntegra, optei neste artigo por uma seleção. Os topônimos inventados são marcados no texto por *.



Mapa 2: Topografia da jagunçagem: a parte inicial da história de Riobaldo

2) No afluente Córrego do Batistério (10), Riobaldo reencontra por acaso o Menino, que agora já um homem e se apresenta como o jagunço Reinaldo, a serviço do chefe Joca Ramiro. Por causa da atração que ele sente por Reinaldo – o qual depois lhe revela o seu nome secreto: Diadorim – Riobaldo resolve entrar para o bando. Liderados pelo subchefe Titão Passos, eles cavalgam rumo ao norte (11), juntando-se na Mata da Jaíba (12) ao bando do Hermógenes. Sob o comando deste, que tem fama de ser pactário com o Diabo, Riobaldo realiza o seu primeiro combate e é iniciado à matança. Na Chapada-da-Seriema-Correndo*

(15), o bando obtém uma vitória sobre a tropa de Zé Bebelo. Este é aprisionado e, na Fazenda Sempre-Verde* (16), posto em julgamento, num tribunal presidido pelo chefe supremo Joca Ramiro e com a presença dos principais subcomandantes. Esse episódio, com um conjunto de discursos de acusação e defesa, é um dos mais importantes do romance, por mostrar que a jagunçagem se baseia também num sistema retórico e jurídico *sui generis*. O julgamento termina com a libertação condicional de Zé Bebelo. Sob o comando de Titão Passos, o bando com Riobaldo e Diadorim desloca-se então para o sul, beirando o rio São Francisco (17), até uma parada de repouso: a Guararavacã do Guiaicuí (18).

3) É nesse lugar idílico que os integrantes do bando recebem uma notícia terrível: o chefe Joca Ramiro foi assassinado pelos subchefes Ricardão e Hermógenes, que queriam a morte de Zé Bebelo e ficaram revoltados com aquele julgamento indulgente. Começa, então, uma “outra guerra”, desta vez contra os traidores. Na região do rio Verde Grande (20), os “judas” conseguem escapar para o oeste, enquanto o bando de Riobaldo e Diadorim é atacado e perseguido pelos soldados (21). A rota de fuga implica em várias entradas e saídas no estado da Bahia (22). Depois, um pequeno grupo com Riobaldo e Diadorim se movimenta, via Malhada e Brejo dos Mártires (23), rumo ao sul, atravessando o rio São Francisco perto da barra do Urucuia (24). É nesta região, na fazenda Santa-Catarina* (25), que Riobaldo chega a conhecer a filha de um fazendeiro, Otacília, que ele escolhe como sua noiva. Prosseguindo até os campos gerais do Urucuia (26), Riobaldo e Diadorim integram-se ao bando de Medeiro Vaz. – Nesse ponto, ocorre a segunda interrupção do relato, depois da qual Riobaldo resolve falar também de sua “culpa” e do que “errou”.

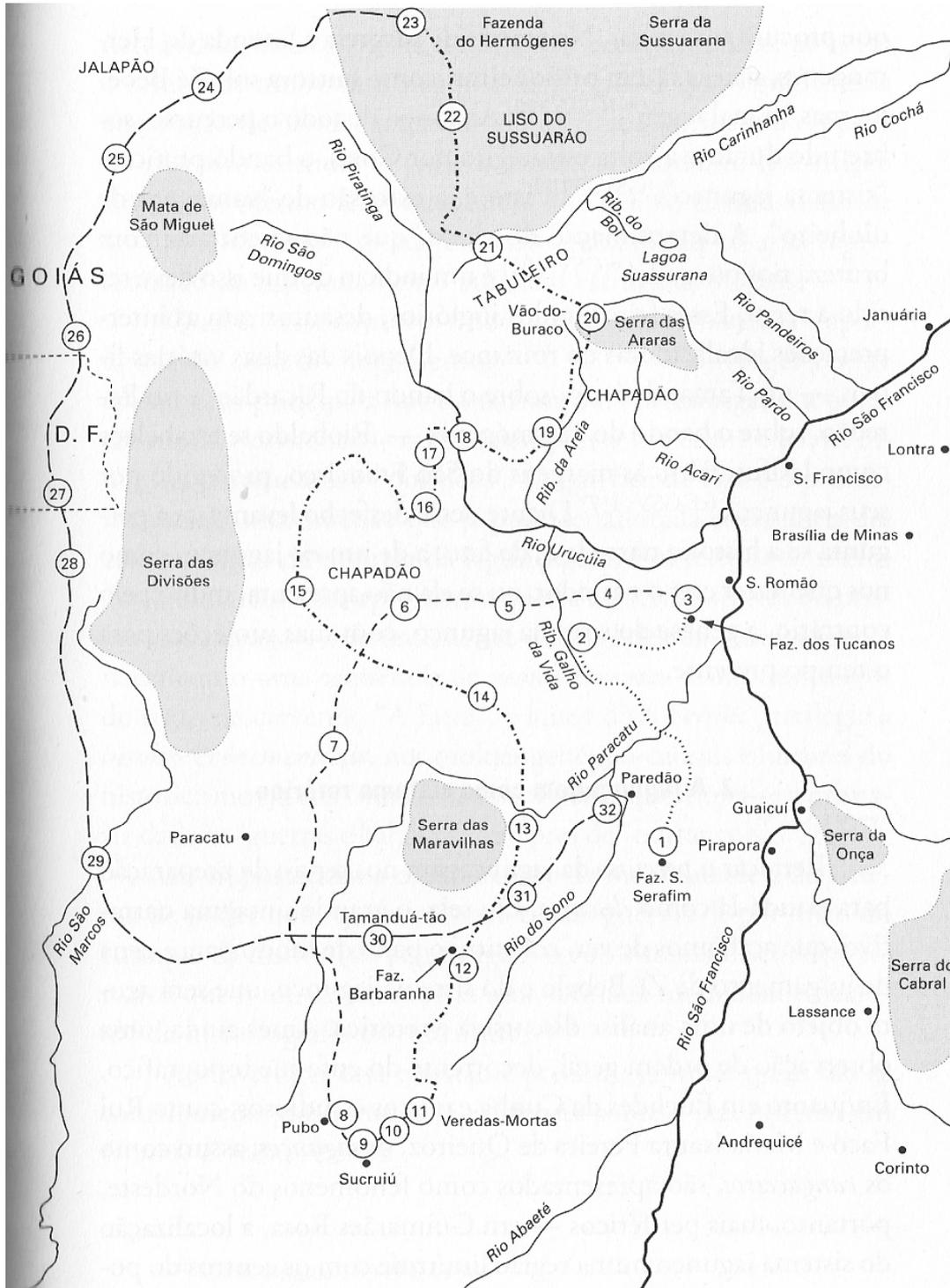
A parte final da vida do jagunço Riobaldo

Todos os episódios desta parte da vida do protagonista narrador passam-se no lado oeste do rio São Francisco (cf. o **mapa 3**). – Podemos distinguir quatro sequências.

1) Sob o comando de Zé Bebelo – que mudou de lado, passando de caçador de jagunços a partidário dos jagunços –, o bando com Riobaldo e Diadorim desloca-se da fazenda São Serafim* (1) rumo ao norte. Na fazenda dos Tucanos* (3), eles são cercados pelo bando inimigo do Hermógenes. O oportunista Zé Bebelo procura então entrar em contato com soldados do governo, mas Riobaldo se opõe a essa tentativa de traição.

2) Fugindo a pé rumo ao poente (4) Zé Bebelo, Riobaldo e os companheiros conseguem escapar dos inimigos. No Chapadão do Urucuia (5) eles se reabastecem com cavalos. A partir daí começa uma longa errância: “andávamos desconhecidos no errado” (7).

A possibilidade de rastrear cartograficamente o caminho do bando chega aqui ao seu limite. Em vez da “Virgem-da-Lage” foram para a “Virgem-Mãe”, explica o narrador. A imprecisão e confusão de lugares são propositais, elas criam uma sensação de labirinto, reforçando a forma geral de construção do livro. Rumo ao sul, os jagunços passam por lugares cruciais, cujos nomes são todos inventados: os povoados do Pubo* (8) e do Sucruíú* (9), lugares de extrema miséria, onde eles encontram os catrumanos; e os retiros do Valado* e da Coruja* (10), que são propriedades do fazendeiro seô Habão. O encontro com esse latifundiário, que explora aqueles sertanejos e também cobiça Riobaldo e seus companheiros jagunços como enxadeiros, é decisivo para o protagonista tomar a decisão de fazer um pacto com o Diabo, o que ocorre nas Veredas-Mortas* (11).



Mapa 3: Topografia da jagunçagem: a parte final da história de Riobaldo

3) Diante de todos, Riobaldo contesta a liderança de Zé Bebelo e assume a chefia do bando. Os jagunços dirigem-se novamente ao norte, ao Chapadão do Urucúia (15). Depois de terem atravessado o rio Urucúia (18) e beirado o ribeirão da Areia (19) rumo à Serra das Araras (20) e seguido de lá até o Alto Carinhonha (21), o chefe Riobaldo revela o seu plano

estratégico: atravessar o Liso do Sussuarão* (22), para fazer um ataque de surpresa à fazenda do Hermógenes* (23), localizada do outro lado do deserto, perto do rio das Fêmeas. Dessa vez, a travessia do Liso dá certo e, na fazenda do inimigo, os jagunços de Riobaldo conseguem capturar a mulher do Hermógenes e levá-la como refém.

4) A última parte da travessia do sertão configura-se como um grande arco vertical: da fazenda do Hermógenes, no extremo oeste do estado da Bahia, o bando de Riobaldo dá uma volta estratégica por Goiás, praticando ao longo desse caminho “o sistema jagunço”. Eles passam pelo Jalapão (24) e em seguida pelo território onde, décadas depois, será estabelecido o Distrito Federal com a nova capital Brasília (27); contornam a Serra das Divisões (28) e, cruzando o rio São Marcos (29), entram novamente em Minas. Enveredando para o leste, Riobaldo com seus jagunços consegue derrotar o bando do Ricardão nos campos do Tamanduá-tão (30); e avançando em direção ao rio do Sono, no Paredão (32), obtém a vitória definitiva sobre o Hermógenes. Nessa batalha final, porém, o chefe Riobaldo chega atrasado, pelo fato de ter se afastado temporariamente para ir atrás de sua noiva Otacília. Ele carregará a culpa por isso durante sua vida inteira, porque quando chegou ao palco da luta, não conseguiu impedir que Diadorim se envolvesse num duelo com o Hermógenes, que resultou na morte de ambos. Quando trazem o corpo do jagunço Reinaldo, cujo nome secreto era Diadorim, Riobaldo descobre que a grande paixão de sua vida não era um outro homem, e sim, uma mulher, “moça perfeita”.

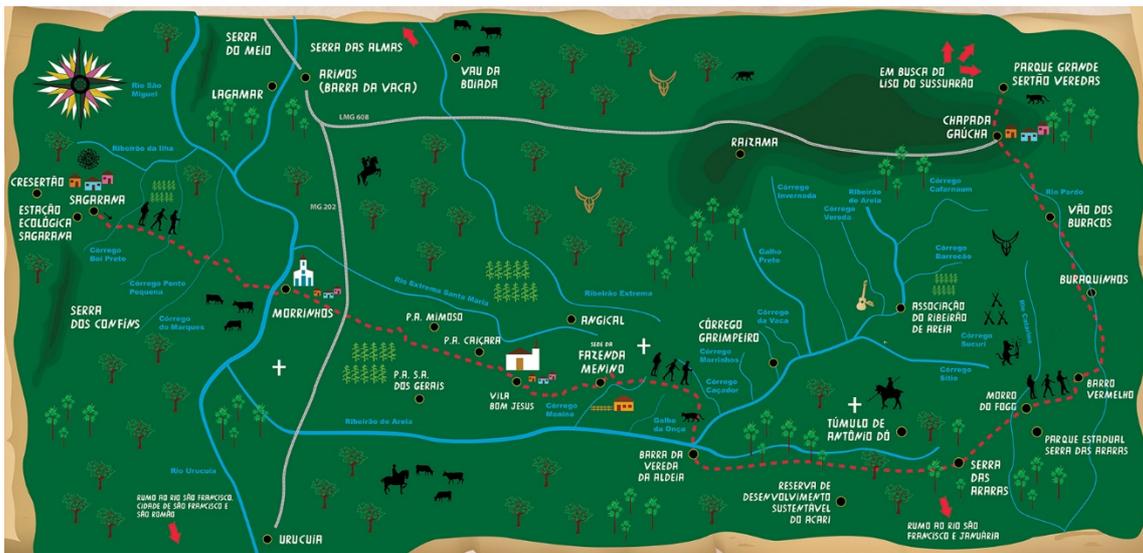
Do romance para o sertão atual: a nossa caminhada em julho de 2017

Desde 2014, a Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Vale do Urucuia, uma ONG instalada no Município de Arinos (MG), tem organizado anualmente, no mês de julho, uma “caminhada sócio-eco-literária”, com duração de uma semana e a participação de 50 a 80 caminhantes.⁵ Essa travessia do sertão é inspirada principalmente pela obra de Guimarães Rosa, a começar por Sagarana, um assentamento criado nos anos 1970 naquele município e que recebeu o nome da obra de estreia do escritor. A partir de lá, caminhamos até o rio Urucuia, atravessamos o Ribeirão da Areia e a Serra das Araras e, depois de um percurso de 178 km, chegamos na entrada do Parque Nacional Grande Sertão: Veredas, situada perto da vila Chapada Gaúcha (cf. o **mapa 4**). Em 2017, ano do cinquentenário da morte de Guimarães Rosa, uma equipe do canal de televisão GloboNews resolveu acompanhar a caminhada, registrando a experiência dessa travessia no filme documentário

⁵ Ver o website <http://www.ocaminhosdosertao.wordpress.com>.

Sertanias, que foi exibido em 19/11/2017.⁶ Da diretora desse filme, Juliana Dametto, que é sobrinha de Guimarães Rosa, recebi o convite de participar da caminhada. Na véspera, chegamos na comunidade de Sagarana, onde entramos em contato com os organizadores e o grupo dos caminhantes, composto por professores, pesquisadores, artistas e interessados em geral. Passo a relatar a experiência dessa travessia do sertão, que durou sete dias.

1º dia: De Sagarana até Morrinhos, à margem do rio Urucuia. Nós, caminhantes, costumávamos pernoitar em barracas e levantar todo dia às 4 horas da madrugada. Depois de termos desmontado as barracas e tomado café, iniciamos a caminhada no raiar do dia.



Mapa 4: Do assentamento Sagarana ao Parque Grande Sertão: Veredas

Além dos guias locais que nos acompanharam tivemos uma equipe de apoio com carros que levavam água e comida, as barracas e outras peças de bagagem, e tinha também um serviço de ambulância. Logo depois de sair de Sagarana, já entramos no cerrado, onde matas de árvores baixas e retorcidas se alternam com trechos de capim selvagem, lembrando uma paisagem de estepe (cf. imagem 1).⁷ Após uma caminhada de 33 km, com um almoço no meio, chegamos no final da tarde no rio Urucuia (cf. imagem 2), que é o preferido do protagonista de *Grande sertão: veredas*: “Meu rio de amor é o Urucuia”, declara Riobaldo (GSV, p. 58), que o associa também a Diadorim. Atravessamos este rio e pernoitamos na outra margem, na comunidade de Morrinhos.

⁶ A direção e o roteiro do filme documentário *Sertanias* (54 minutos) são de Juliana Dametto Guimarães Rosa e Alexandre Roldão; a fotografia é de Sandiego Fernandes. Ver a reportagem de Gustavo Fioratti, na *Folha de S. Paulo*, 16/nov/2017, p. C 1.

⁷ Todas as fotos aqui apresentadas foram tiradas pelo autor deste artigo.



Imagem 1: Atravessando o cerrado



Imagem 2: Chegando no rio Urucuia

2º dia: De Morrinhos até a Fazenda Menino. Pouco depois de termos saído de Morrinhos, atravessamos um imenso campo aberto, uma grande fazenda com plantações de

milho e feijão. Aqui, como em tantas outras partes, o cerrado foi desmatado, cedendo lugar ao agronegócio (cf. imagem 3). Numa entrevista gravada no filme documentário,



Imagem 3: Agronegócio

o coordenador do Caminho do Sertão, Almir Paraca, explica:

O problema que atinge tanto a agricultura familiar quanto o agronegócio é a questão hídrica. A água está escasseando, as veredas estão secando, os cursos d'água também estão secando, as chuvas estão diminuindo e o lençol freático está baixando. Isso é fruto de muitas coisas, dentre elas a frente de irrigação, que suga uma quantidade muito grande para as lavouras. O método utilizado é o pivô central, que é um método arcaico, que desperdiça muita água. Com isso, muitas comunidades estão ficando desabastecidas de água.

Com essas extensas fazendas contrastam os sítios de agricultura familiar (cf. imagem 4). Fomos conhecer o proprietário de um desses sítios, seu Romualdo Rodrigues dos Santos, que também deu uma entrevista no filme:

Esta propriedade era considerada uma terra improdutivo. Nós viemos para cá, recebendo a casa e a energia. Tudo o mais é resultado do nosso trabalho, da minha esposa e dos nossos dois filhos. Tivemos a sorte de ser

donos disto aqui. Vivemos uma vida saudável, e cozinhamos num fogão a lenha, o que eu gosto. Eu moro aqui por causa disso.



Imagem 4: Um sítio de agricultura familiar

A nossa caminhada, nesse segundo dia, encerrou-se na Fazenda Menino. Nessas terras foi planejada, nos anos 1950, com a colaboração do arquiteto Oscar Niemeyer, a instalação de uma grande colônia agrária, que abasteceria também a nova capital Brasília. Esse projeto, porém, não saiu do papel.

3º dia: Da Fazenda Menino até a confluência do Ribeirão da Aldeia com o da Areia (cf. imagem 5). Esse curso de água é mencionado também por Riobaldo, que cria um certo suspense, que será esclarecido logo mais adiante: “Viemos beirando o Ribeirão da Areia. O que era que eu tencionava fazer? O senhor espere” (GSV, p. 368).



Imagem 5: Confluência do Ribeirão da Aldeia com o da Areia

Nesse dia, atravessamos várias fazendas de gado (cf. imagem 6). Como é sabido, a criação de gado bovino era, desde os tempos coloniais, a principal atividade econômica exercida no sertão. Com a instalação das fazendas, surgiram também inúmeros conflitos de terra. Um desses casos foi narrado numa entrevista dada pela moradora Cida Miranda:



Imagem 6: Fazenda de gado

A minha principal formação é a escola da experiência da luta. Minha família é uma das que lutavam pela terra. O pretexto para o assassinato do meu pai foi uma roça que ele abriu, contra a ordem do fazendeiro. Este estava montado a cavalo, junto com dois jagunços, também armados. Ele se dirigiu para o meu pai e disse: “Olhe, seu Júlio, o senhor desobedeceu à minha ordem e abriu uma roça. Então, eu vou resolver o problema da terra para o senhor hoje. Vou mandar todos vocês para o cemitério”. E apontou para o cemitério, que está logo ali. Nesse mesmo momento tirou a arma, um revólver 38, que estava guardado na sela do cavalo, e deu o primeiro tiro. Minha mãe foi socorrer meu pai. Então, o fazendeiro deu o segundo tiro nela, nas costas. Ela caiu, e enquanto isso, ele deu o terceiro tiro, no meu pai. Foi fatal: meu pai morreu ali mesmo, naquele momento. A partir daí foi toda uma luta nossa para provar que tudo isso tinha sido uma grande injustiça. -- Os jagunços existem até hoje para impor a força do latifúndio, do proprietário da terra, em cima dos pobres, dos sem-terra. No romance de Guimarães Rosa, o sistema jagunço é mostrado como uma sociedade paralela. Além da força da bala, os poderosos podem contar com o apoio de deputados e senadores, aliados à sua causa, e com o sistema jurídico que o país criou.

4º dia: Da barra do Ribeirão da Aldeia até a vila Serra das Araras. Esse era um trecho do caminho escolhido pelo chefe de jagunços Riobaldo, que estava planejando um ataque de surpresa à fazenda do inimigo Hermógenes, situada do outro lado do grande deserto, já em terras da Bahia: “Agora o senhor saiba qual era esse o meu projeto: eu ia traspasar o Liso do Sussuarão!” (GSV, p. 380). Durante a nossa caminhada passamos por belas veredas (cf. imagem 7). Elas nos fazem lembrar mais uma declaração de Riobaldo: “Lhe falo do sertão. Do que não sei. [...] Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas” (GSV, p. 79). No fim da tarde, chegamos na Serra das Araras (cf. imagem 8), ao pé da qual é situada a vila de mesmo nome, onde pernoitamos.



Imagem 7: Uma vereda



Imagem 8: Serra das Araras

5º dia: Da vila Serra das Araras até a comunidade de Barro Vermelho. Ao longo desse dia, numa caminhada de 29 km, atravessamos uma boa parte do Parque Estadual Serra das Araras, que foi criado em 1998 e é uma das regiões ainda preservadas do cerrado. Caminhamos pelo leito de rios e riachos, que estavam secando nessa época do ano, subimos e andamos pela serra (cf. imagem 9). Nesse percurso encontramos vários moradores, dentre eles dois meninos a cavalo (cf. imagem 10).



Imagem 9: Caminhando pela Serra das Araras



Imagem 10: Dois meninos sertanejos

6º dia: De Barro Vermelho até a vila Chapada Gaúcha. No penúltimo dia da nossa caminhada passamos pela comunidade de Buraquinhos, à margem do Rio Pardo (cf. imagem 11), e pelo Vão dos Buracos. Riobaldo refere-se explicitamente a este lugar, quando o bando de jagunços, sob a chefia de Medeiro Vaz, estava “entortando para a Serra das Araras”. Ele explica então a diferença desse lugar com o Liso do Sussuarão: “Que nem o Vão-do-Buraco? Ah, não, isto é coisa diversa” (GSV, p. 29). Na sua segunda travessia da Serra das Araras, já como chefe, Riobaldo menciona o “Vão-do-Oco” e o “Vão-do-Cúio” (GSV, p. 380), que são possíveis referências aos dois lugares por onde passamos. Na comunidade do Vão dos Buracos está instalada uma escola com um bem



Imagem 11: A comunidade de Buraquinhos

organizado Cantinho de Leitura (cf. a imagem 17, no final deste artigo). Tive o prazer de conversar ali com a professora Rosa Amélia da Silva, que leciona no Instituto Federal de Brasília e fez parte do nosso grupo de caminhantes. Ela é autora do livro *Travessias literárias em perspectiva interacionista: teoria e prática* (2016), no qual ela descreve a sua experiência com cirandas de leitura no sertão do rio Urucuia. No final do primeiro dia da nossa caminhada, quando chegamos à margem desse rio, em Morrinhos, ela tinha organizado ali, com moradores locais, uma encenação do conto de Guimarães Rosa, “A Terceira Margem do Rio”. No documentário *Sertanias*, ela falou da importância da obra desse autor para os sertanejos:

A obra de Guimarães Rosa dialoga muito com a experiência dos sertanejos. Os alunos ficam encantados, porque a cada momento de mediação de leitura eles querem parar para contar e reviver experiências do passado, com o pai, com o avô, com a tia, sempre têm uma história para contar. Guimarães Rosa deu um valor para esse povo, que o povo não sabia que tinha. Como se sabe, esta região de Minas Gerais é desassistida, sem políticas públicas, sofrida. E de repente vem um escritor e tem um olhar para esse povo, mostrando para o mundo que esse povo tem os mesmos conflitos existenciais que as pessoas que vivem em qualquer outra parte do mundo.

Na noite desse mesmo dia, depois de uma caminhada de 36 km, chegamos na vila Chapada Gaúcha, fundada em 1976 por colonos vindos do Rio Grande do Sul. Ali estava acontecendo uma grande festa popular: o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, que é organizada anualmente, no final da segunda semana de julho e que, em 2017, já estava em sua 16^a edição (cf. imagem 12). Durante a festa é exposta na Praça do Encontro uma grande diversidade de produtos do sertão, que transmitem uma ideia concreta da cultura local.



Imagem 12: Chapada Gaúcha: Encontro dos Povos do Grande Sertão: Veredas

7º dia: De Chapada Gaúcha até a entrada do Parque Nacional Grande Sertão: Veredas. Com essa caminhada, de 10 km ida e volta, terminamos a nossa travessia. O objetivo principal desse parque, que foi criado em 1989 e tem uma área de 230 mil hectares, é a preservação do Cerrado. O bioma Cerrado, que é o segundo maior do Brasil, depois da Floresta amazônica, é o que vem sofrendo a maior porcentagem de destruição ambiental. “De 2000 a 2015, o cerrado perdeu 236 mil km² de cobertura vegetal, uma área quase do tamanho do estado de São Paulo” (LEITE, 2017, p. B 9). Do alto do mirante na entrada, avista-se o vale do rio Carinhanha (cf. imagem 13), além do qual, segundo Riobaldo, começa o Liso do Sussuarão.



Imagem 13: Vista em direção ao rio Carinhanha e ao Liso do Sussuarão

Do sertão atual de volta para o romance como retrato do Brasil

Durante essa caminhada pelo sertão nós nos deparamos com vários lugares e momentos que incentivam comentários de temas do romance *Grande sertão: veredas*. Um desses momentos foi a fala do poeta de cordel Basílio Gomes Gonçalves, de Uauá, no estado da Bahia, sobre a atualidade da guerra de Canudos (cf. imagem 14). Naquele povoado ocorreu, em novembro de 1896, o primeiro episódio da guerra: o confronto dos seguidores de Antônio Conselheiro com um batalhão de infantaria que tinha vindo de Juazeiro, sob o comando do tenente Pires Ferreira. Ao lembrar a luta do povo do sertão, o poeta Basílio citou no final um trecho do seu cordel: “A história fará sua homenagem à figura de Antônio Conselheiro”. Ele nos informou também que o grupo de artistas do qual ele faz parte, organiza anualmente, desde 2015, uma caminhada coletiva de Uauá a Canudos Velho. Em março de 2018 participei desse evento, da IV Caminhada dos Umbuzeiros.

Uma vez que o principal relato da campanha de Canudos se encontra no livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que fornece também uma detalhada descrição da “terra” e do “homem”, vem ao caso comparar essa obra matricial dos “retratos do Brasil”, com o *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, que pode ser interpretado como uma reescrita crítica do grande livro precursor. Um componente fundamental para a comparação é a perspectiva de apresentação do sertão por cada um desses escritores. Em *Os Sertões*, os acontecimentos são muitas vezes narrados “do alto” – a partir de lugares como o Monte Santo ou o Alto da

Favela –, numa perspectiva autoral; raramente Euclides cede a palavra aos sertanejos. Já em *Grande sertão: veredas*, o narrador Riobaldo, que “pens[a] como um rio tanto anda” (GSV, p. 260), mergulha profundamente no universo linguístico e mental dos sertanejos. Com isso, coloca-se a pergunta geral de como os letrados brasileiros representam o povo.

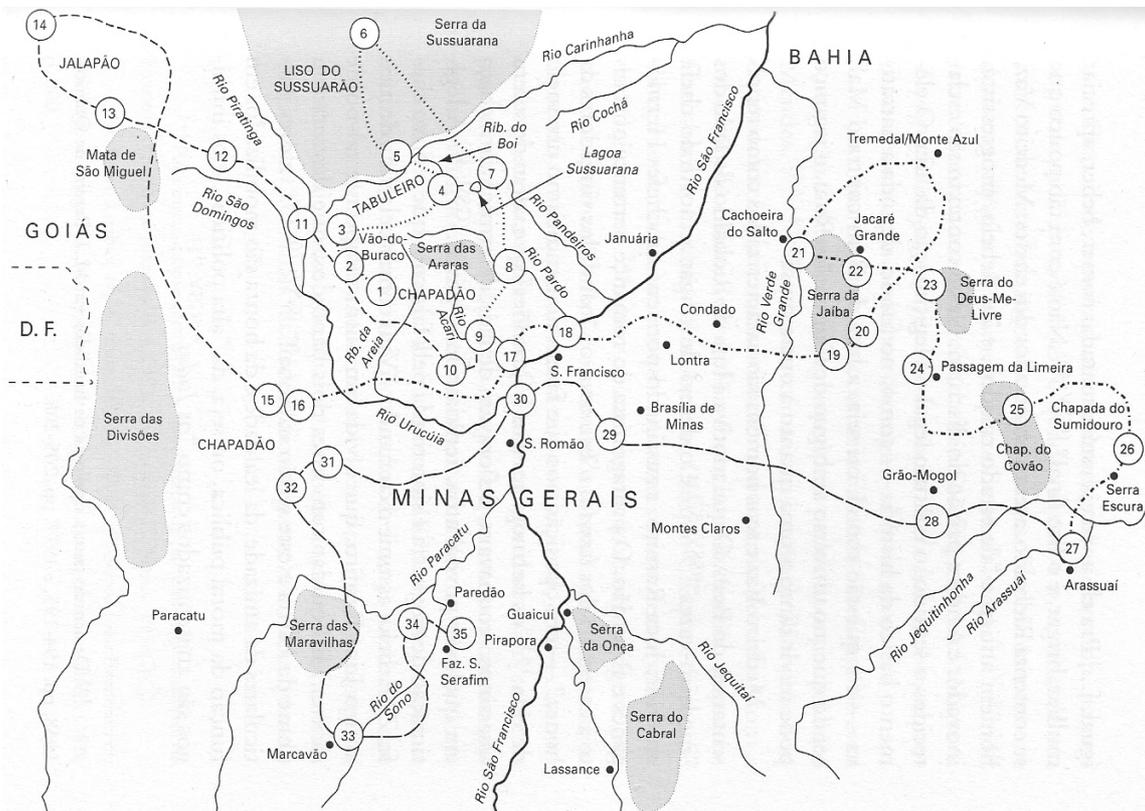


Imagem 14: Basílio Gomes, de Uauá, falando sobre a guerra de Canudos

Uma escrita labiríntica

Em relação à perspectiva de apresentação, pode se observar ainda que, enquanto Euclides escreve *sobre* o sertão – apresentando-o como “terra ignota” e “*silva horrída*”, e o arraial de Canudos como “*urbs monstruosa*”, nos parâmetros de uma visão racionalista, progressista e linear da história –, Guimarães Rosa escreve *como* o sertão, de forma labiríntica. A ordem da narração é comandada, num primeiro plano, pela memória espontânea e afetiva de Riobaldo. No segundo plano, o escritor tece uma bem-calculada rede de narração, organizando os principais temas: sertão, sistema jagunço, pacto com o Diabo, paixão amorosa e o povo com seu tipo de falas, que se tornam fonte da invenção rosiana da linguagem. Além disso, a topografia do enredo também é labiríntica, como pode ser ilustrado por um mapa que resume o começo da história do jagunço Riobaldo, que é um recorte *in medias res* (GSV, p. 26-77). As andanças do protagonista, que faz parte do bando chefiado por Medeiro Vaz, configuram uma travessia do sertão em todas as direções, como mostram estas quatro seqüências de episódios (cf. **mapa 5**).

Em direção ao norte, os jagunços partem do Chapadão do Urucuia (1) e contornam a Serra das Araras (3), para iniciar a travessia do Liso do Sussuarão* (5 e 6); mas eles acabam desistindo (6 e 7). – Diante de uma investida de soldados do Governo, perto do ribeirão do Acará (9), o bando retira-se para o oeste, para Goiás (13), até o Jalapão (14), que o romancista desloca do extremo norte para o sul daquele estado. – Para entrar em contato com bandos aliados, Riobaldo é enviado por Medeiro Vaz como mensageiro em direção ao leste. Cavalgando pela “rota do sal”, entre Goiás e São Romão (16), ele chega ao rio São Francisco (18), o atravessa e, na Serra da Jaíba (19), encontra-se como o chefe João Goanhá. A partir daí, ocorrem novas perseguições pelos soldados, e Riobaldo se vê



Mapa 5: Topografia da jagunçagem: *in medias res*

obrigado a retirar-se da jagunçagem por algum tempo, trabalhando na mineração, no Arassuaí (27). – Em seguida, o protagonista toma o caminho de volta para oeste, para reintegrar-se no bando de Medeiro Vaz. Passando por Grão-Mogol (28) e Brasília de Minas (29) e atravessando o rio São Francisco (30), ele chega novamente no Chapadão do Urucuia

(31). Durante uma incursão ao sul, no Marcavão* (33), ocorre a morte de Medeiro Vaz. A chefia do bando é assumida então por Zé Bebelo. Ao falar de um tiroteio na Fazenda São Serafim* (35), Riobaldo lembra-se de dois lugares que foram traumáticos para ele: as Veredas-Mortas e o Paredão. Ele interrompe, então, a sua narração.

A paixão de Riobaldo por Diadorim

Em dois lugares da nossa caminhada nos deparamos com esculturas representando respectivamente a travessia iniciática de Riobaldo em companhia do Menino / Diadorim (cf. imagem 15) e o seu reencontro com o jagunço Reinaldo.

“Sabendo deste, o senhor sabe minha vida” (GSV, p. 242). Diadorim é o *leitmotiv* da história de Riobaldo. É por causa da atração que sente por Diadorim, que Riobaldo entra para a jagunçagem. Mas, como o amor entre dois homens era um tabu na sociedade machista do sertão, Riobaldo não assume a sua paixão por Diadorim. Quando ele chega a conhecer Otacília, filha de fazendeiro, ele a convida para ser sua noiva, pensando também no seu projeto de ascensão social. Ao mesmo tempo, enquanto Diadorim se integra cada vez mais ao povo do sertão, Riobaldo vai se afastando do povo.



Imagem 15: A travessia iniciática de Riobaldo com o Menino (Diadorim)

O sistema jagunço

Um jagunço é, como se sabe, um homem armado a serviço de um potentado local, geralmente um fazendeiro, compondo o seu exército particular. Isso ficou muito claro no referido relato da moradora Cida Miranda sobre o crime cometido por um fazendeiro, acompanhado por seus jagunços. Esse relato, contudo, não impediu que numa das noites, durante uma conversa em torno da fogueira, uma militante política se referisse de forma idealizada ao jagunço Riobaldo, caracterizando-o como um suposto defensor dos pobres. Um uso equivocado da palavra “jagunço”, embora com uma intenção diferente, encontra-se também no relato de Euclides da Cunha sobre a campanha de Canudos. Existe uma grave contradição na escrita desse livro. Por um lado, o autor de *Os Sertões* se propõe denunciar a campanha do exército como “um crime”. Mas, por outro lado, ao longo do seu relato, ele chama os seguidores de Antônio Conselheiros de “jagunços”, criminalizando-os igualmente, e contribuindo com isso a legitimar o extermínio do projeto político e social de Canudos.

A jagunçagem é um dos pontos principais, em que se pode demonstrar a reescrita crítica de *Os Sertões* pelo autor de *Grande sertão: veredas*. Em nenhum momento Guimarães Rosa deturpa o significado da palavra “jagunço”, mas ele apresenta o “sistema jagunço” em toda a sua complexidade, de todos os ângulos possíveis, assim como é visto e vivido pelos diferentes personagens. Riobaldo ouve narrações idealizadas e mitificações de chefes de jagunços, dando também exemplos de desmitificação; ele relata a sua própria iniciação à jagunçagem e à matança, e a sua experiência cotidiana como raso jagunço, a luta entre os bandos e contra os soldados do Governo, inclusive a ideologia de que a jagunçagem seria uma rebeldia popular dos sertanejos contra o sistema opressor do Governo; Riobaldo apresenta detalhadamente o sistema jurídico e retórico que sustenta e procura justificar a instituição da jagunçagem; ora, a guerra dos bandos é legitimada, ora são denunciados os desmandos e os crimes cometidos, também é mostrada a situação dos jagunços no contexto da pobreza generalizada; no fim, o protagonista-narrador acaba deixando claro que a sua ascensão a chefe de jagunços lhe permitiu usar seus ex-companheiros como material humano, e como ele conseguiu instalar-se como um poderoso latifundiário, protegido por seus jagunços. Em suma, o autor apresenta o retrato de uma sociedade na qual o crime faz parte do sistema político-social e é praticado em ampla escala em todos os níveis.

O pacto com o Diabo: o lugar, os motivos e a culpa

Em vários momentos da nossa caminhada passamos por veredas mortas (cf. imagem 16). O fato de que as veredas estão secando é uma consequência do desmatamento do cerrado para a obtenção de carvão e do avanço maciço do agronegócio, com o desperdício de enormes quantidades de água. Nós nos lembramos, então, das “Veredas-Mortas”, onde Riobaldo fez o pacto com o Diabo (cf. GSV, p. 316-320). E, uma vez que as veredas mortas são um resultado do processo da modernização, nos lembramos também da obra de Goethe, que apresenta no *Fausto II* uma visão crítica do progresso tecnológico, que acarreta a destruição do meio ambiente. No início do quinto e último ato, na cena “Região aberta”, é evocada, com os personagens Filemon e Baucis, que moram numa cabana campestre e recebem o Caminhante, a natureza plenamente preservada dos tempos antigos. Contrastando com isso, são relatados depois, na cena “Noite profunda”, o incêndio da cabana e a eliminação daqueles três personagens, que se opunham ao projeto megalômano do protagonista pactário de conquistar novas terras aráveis, por meio da construção de gigantescos diques e canais (cf. GOETHE, 2007, p. 892-905 e 928-941; cf. também JAEGER, 2014).



Imagem 16: Vereda morta

Quais são os motivos para Riobaldo fazer o pacto? Em primeiro lugar, esse seria para ele o meio de poder enfrentar, de igual para igual, o seu arqui-inimigo Hermógenes, que tem fama entre os jagunços de ser “pactário” (cf. GSV, p. 40 e 41). Um segundo motivo é escapar da ameaça que representa o encontro com o latifundiário seô Habão. O contexto é o seguinte: Quando Riobaldo e seus companheiros jagunços, sob a chefia de Zé Bebelo, chegam aos dois lugares de extrema miséria, os povoados do Pubo e do Sucruiú, e perto de lá, às propriedades de seô Habão (cf. GSV, p. 290 e 311), Riobaldo se dá conta de sua verdadeira condição social: “Conheci que fazendeiro-mor é sujeito da terra definitivo, mas que jagunço não passa de ser homem muito provisório” (GSV, p. 312-313). Ao sentir o olhar do latifundiário, Riobaldo “entend[e] a gana dele: que a gente pudesse dar os braços, para capinar e roçar, e colher feito jornaleiros dele”; ou seja: “Seô Habão [...] cobiçava a gente para escravos” (GSV, p. 314). Diante dessa ameaça, Riobaldo se revolta: “Nós íamos virando enxadeiros. Nós? Nunca!” (GSV: 315). No final desse mesmo dia, ele caminha até as Veredas-Mortas para fazer o pacto.

Há ainda um terceiro motivo: como pactário, Riobaldo consegue assumir a chefia do bando e tornar-se um empreiteiro de jagunços. Uma vez empossado, a primeira ordem que ele dá é de lhe “trazerem os homens”, isto é, os sertanejos do Sucruiú e do Pubo. Ele é prontamente atendido: “Me trouxeram, rebanhal, os todos possíveis” (GSV, p. 335). Quanto ao procedimento usado – “Haviam de vir, junto, à mansa força” – o novo chefe esboça uma reflexão pseudo-moralista: “Isso era perversidades?” E ele se justifica com esta explicação hipócrita: “Mais longe de mim – que eu pretendia era retirar aqueles, todos, destorcidas de suas misérias” (GSV: 335). E para completar esta amostra de como funciona a retórica do sistema jagunço, Riobaldo faz para os recém-recrutados esta promessa demagógica:

- Vamos sair pelo mundo, tomando dinheiro dos que têm, e objetos e as vantagens, de toda valia. E só vamos sossegar quando cada um já estiver farto, e já tiver recebido umas duas ou três mulheres, moças sacudidas, p’ra o renovame de sua cama ou rede! (GSV, p. 337)

Contudo, o protagonista não deixa de falar também de sua culpa, conforme ele anunciou ao passar a narrar a segunda parte de sua vida (cf. GSV, p. 237). Essa culpa não é explicitada, mas encontra-se nas entrelinhas da narração. Em relação a Diadorim, Riobaldo não teve a coragem de assumir esse amor, por causa do tabu social. Ele deu preferência a Otacília, filha de fazendeiro, sendo que o casamento com ela foi muito vantajoso para a sua ascensão social e o aumento do seu patrimônio. O pactário Hermógenes não foi enfrentado

numa luta corpo a corpo pelo chefe Riobaldo, mas este delegou a tarefa para Diadorim, que acabou sendo morto. Quanto à relação com seus companheiros jagunços, Riobaldo os traiu, a partir do momento em que se exibiu diante de seô Habão como filho de fazendeiro e coronel (cf. GSV, p. 315). Como chefe, ele os usou como material humano para tornar-se famoso e estabelecer-se como um poderoso latifundiário.

Poder-se-ia perguntar ainda: Qual é a credibilidade desse protagonista-narrador que fez um pacto com o “Pai da Mentira”? Riobaldo é sobretudo um narrador dialético. Ao representar “as formas do falso”, ele revela ao mesmo tempo como são forjadas. Assim, por exemplo, ele critica e ironiza a “fraseação” do político oportunista Zé Bebelo, em muitos momentos. Ora, como acabamos de ver, quando Riobaldo assume a chefia, ele usa o mesmo tipo de discurso demagógico.

Existe uma relação entre o pacto de Riobaldo com o Diabo e o projeto de Guimarães Rosa como escritor?

Usando conceitos da *História do Diabo* (1965), do filósofo Vilém Flusser, procurarei demonstrar que, no romance de Guimarães Rosa, existem uma função diabólica e uma função luciférica da linguagem.⁸ “Enquanto eu escrevia *Grande Sertão*”, declarou o autor numa entrevista em 1965, “minha mulher sofreu muito porque nessa época eu estava casado com o livro”. E mais: “A língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente” (apud LORENZ, 1983, p. 79 e 83). Este amor pela língua e pelo ofício do escritor é, segundo Flusser, uma forma sublimada da luxúria. Como um dos sete pecados capitais, a luxúria acaba ativando também outros vícios, especialmente a soberba.

A principal aspiração do escritor João Guimarães Rosa foi a de reinventar ou recriar a língua, pelo menos, o português do Brasil. A isso subjaz a postura de querer entrar em concorrência com Deus, como ele próprio admitiu na referida entrevista: “A metafísica de minha linguagem”, ou seja, “a língua da metafísica” “no fundo é um conceito blasfemo, já que assim se coloca o homem no papel de dono da criação” (apud LORENZ, 1983, p. 83). Explicando essa ideia, o autor, numa carta de 1964, tinha apresentado assim o seu projeto: “Eu quero tudo: o mineiro, o brasileiro, o português, o latim – talvez até o esquimó e o tártaro. Queria a língua que se falava antes de Babel” (apud DANIEL, 1968, p. 26). O

⁸ Retomo aqui algumas ideias do meu ensaio “A função luciférica da linguagem: *Grande sertão: veredas* à luz da *História do Diabo* de Vilém Flusser” (BOLLE, 2010).

objetivo ideal do escritor seria, no limite, a criação de uma língua universal, na qual virtualmente todos os habitantes da Terra pudessem se comunicar.

Uma língua universal: isso equivaleria a abolir a incomunicabilidade e a incompreensibilidade causadas pela confusão de línguas que Deus impôs como castigo aos homens que o desafiaram com a construção da Torre de Babel (cf. a BÍBLIA, Gênesis 11: 1-9). O paradoxo desse castigo imposto por Deus é que só então a língua se tornou verdadeiramente diabólica, no sentido etimológico da palavra: o *diábolos* – do grego *diabállein* = “jogar(-se) no meio” – se interpondo entre os homens que procuram comunicar-se. Isso nos remete a uma ideia central do ensaio “Sobre a incompreensibilidade” (1800), do crítico romântico Friedrich Schlegel. Segundo ele, não existe nenhuma garantia de que o entendimento dos homens no *medium* da língua seja efetivamente possível. Pois além de ser um meio de busca sincera da verdade e de muitas boas intenções, a língua é, ao mesmo tempo, um instrumento de trapaça e de mentira, de ambiguidade e de mal-entendidos, de aparência, hipocrisia, dissimulação e mascaramento. Na relação entre Riobaldo e Diadorim, apesar da atração que eles sentem um pelo outro, ocorrem várias situações de falta de entendimento: silêncio imposto, diálogo interrompido, entender errado ou querer entender errado, usar a palavra como faz-de-conta ou até como arma...

Grande sertão: veredas é considerado unanimemente um livro muito difícil, escrito no limiar da compreensibilidade. Essa forma de composição tem uma razão estratégica. A situação narrativa e a figura do narrador como *jagunço letrado* são construções irônicas. Pois onde já se viu um homem culto da cidade (o interlocutor) se dispor a escutar a fala de um “simples sertanejo” durante um tempo equivalente a 500 páginas? Com isso, o escritor chama a atenção para a falta de diálogo entre as classes, no Brasil real: entre os que se comunicam na norma culta e os que falam a língua do povo. O projeto literário, cultural e político de Guimarães Rosa visa enfrentar esse problema com a proposta de reinventar a nossa língua.

Grande sertão: veredas é um laboratório de diálogo social que, dessa forma, ainda não existe na nossa realidade. Cada tipo de discurso é dialeticamente *atravessado* por outro tipo de discurso. E em cada linha do romance podemos sentir uma confiança no poder da língua, isto é, na capacidade de cada membro da comunidade dos falantes de cooperar na construção da língua como um bem comum. Em outras palavras: é um projeto de transformar a língua diabólica – a da falta de comunicação – numa língua luciférica, no sentido original da palavra: uma língua que traz para todos a luz e o esclarecimento. O fato de o personagem-narrador do romance se dirigir durante o tempo todo a um letrado não deixa de ser um estímulo para que nós, leitores dessa obra, também utilizemos, na medida das nossas possibilidades, o

nosso letramento para trabalhos de mediação social. Os lugares mais necessitados são, sem dúvida, as escolas públicas, como a que se encontra na comunidade do Vão dos Buracos. Termino esta apresentação com a imagem do Cantinho de Leitura daquela escola, que foi o que mais me impressionou durante a nossa travessia do sertão. É como se tivesse encontrado, nesse lugar, o protagonista-narrador de *Grande sertão: veredas*, naquele momento muito especial de sua vida em que ele “explicava aos meninos menores as letras” (GSV, p. 89) ...



Imagem 17: Cantinho de Leitura na escola do Vão dos Buracos

Willi Bolle: É autor dos livros *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da História em Walter Benjamin* (3a ed. 2022), *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil* (2a ed. 2023) e *Boca do Amazonas: sociedade e cultura em Dalcídio Jurandir* (2020). Esta trilogia representa uma Topografia Cultural do Brasil: da Metrópole através do Sertão até a Amazônia. E-mail: willibolle@yahoo.com.

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, 1985.
- Bolle, Willi. *grandesertão.br. O romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004. 2^a ed. 2023.
- _____. *A função luciférica da linguagem. Grande sertão: veredas à luz da História do Diabo* de Vilém Flusser. In: Fantini, Marli (org.). *Machado e Rosa: Leituras críticas*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 493-506.
- Candido, Antonio. O Sertão e o Mundo. *Diálogo*, São Paulo, n. 8, p. 5-18, 1957.
- Cunha, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. Ed. crítica, organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ática, 1998.
- Daniel, Mary L. *João Guimarães Rosa: Travessia literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- Fioratti, Gustavo. Filme volta ao sertão de Guimarães Rosa. *Folha de S. Paulo*, 16/nov/2017, p. C 1.
- Flusser, Vilém. *A História do Diabo*. São Paulo: Annablume, 2005 (1^a ed.:1965).
- Goethe, Johann Wolfgang von. *Fausto: Uma tragédia*. Segunda Parte. Tradução: Jenny Klabin Segall. Apresentação, comentário e notas de Marcus Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2007.
- Jaeger, Michael. *Wanderers Verstummen, Goethes Schweigen, Fausts Tragödie. Oder: Die große Transformation der Welt*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2014.
- Leite, Marcelo. *Bye bye cerrado*. *Folha de S. Paulo*, 12/nov/2017, p. B 9.
- Lorenz, Günter. *Diálogo com Guimarães Rosa*. Tradução: Rosemará Costhek Abílio. In: Coutinho, Eduardo F. (org). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983, p. 62-97.
- Rosa, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 5^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- Schlegel, Friedrich. Über die Unverständlichkeit. In: *Charakteristiken und Kritiken I* (1796-1801). Ed. org. por Hans Eichner. Munique; Paderborn; Viena: Ferdinand Schöningh, 1967, p. 363-372. (Inicialmente publicado em 1800.)
- Silva, Rosa Amélia Pereira da. *Travessias literárias em perspectiva interacionista. Teoria e prática*. Arinos-MG: Edição do Autor, 2016.

Viggiano, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Belo Horizonte; Brasília: Comunicação; INL, 1974.

Website <http://www.ocaminhosertao.wordpress.com> – Acesso em 15/mai/2018.